

1

Maio de 1871

SUMÁRIO

— De como se fundou esta publicação e não uma casa de banhos quentes. O estado do país. Proudhon, Vacherot, Ve[u]-illot e Manuel Mendes Enxúndia. A nossa política. Nem somos pela *Nação* nem pelo *Almanaque das Cacholetas*. A carta, o trono e o altar. A tribuna e o seu copo de água. A ordem e o desdém. Qual o governo convém que tenhamos. A cena política. Quem representa e o quê. Quem paga. Quem está por trás do pano do fundo? Os periódicos, o romance, a poesia, o teatro. Um *abat-jour* para os esplendores do génio. A polícia correccional para os líricos contemporâneos. Medicações ferruginosas para a mocidade. Costumes. O marido que trabalha e o sedutor que é vadio. Encanto poético e vergonha burguesa. A nobreza, a classe média e o povo. A família e os dotes. O amor doméstico e o amor livre. Pobreza geral. — Os históricos, os regeneradores, os reformistas e os constituintes. Incompatibilidades, divergências, conflagrações. As públicas liberdades e as liberdades públicas. — As conferências democráticas. Que fale o proletário! Fazer conferências ou fazer fogo. Os restos da retórica e os da hortaliça. — Economias! economias! economias! — O que diz a pastoral e o que se disse da pastoral. Nem ela, nem eles. O catolicismo e o *placet*. — A crise ministerial. A câmara dos srs. deputados. Eloquência parlamentar. Água com açúcar. Muitos apoiados. Abraços no orador. Gargalhadas na galeria.

1

*Maio de 1871*¹

Leitor de bom senso — que abres curiosamente a primeira página deste livrinho, sabe, leitor — celibatário ou casado, proprietário ou produtor, conservador ou revolucionário, velho patuleia² ou legitimista³ hostil — que foi para ti que ele foi escrito — se tens bom senso! E a ideia de te dar assim todos os meses, enquanto quizeres, cem páginas irónicas, alegres, mordentes, justas, nasceu no dia em que pudemos descobrir através da penumbra confusa dos factos, alguns contornos do perfil do nosso tempo.

Aproxima-te um pouco de nós, e vê.

O país perdeu a inteligência e a consciência moral. Os costumes estão dissolvidos, as consciências em debandada, os caracteres cor-

1 Ernesto Guerra Da Cal, na sua obra *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz [...]*, informamos de que este primeiro fascículo, com data de Maio, só foi posto à venda em Junho. Com efeito, no *Diário de Notícias* de 18 de Junho de 1871, uma local notícia: «Apareceram ontem *As Farpas*.» O mesmo jornal, em 27 de Junho, dá-nos conta de que já se tinham esgotado, e logo no dia 29 nos avisa de que estava «na imprensa o 2.º número das *Farpas*».

2 «Patuleia» foi o termo usado para designar os partidários do Setembrismo, opositores à política de Costa Cabral que lutaram, de armas na mão (1846-1847), contra as tropas fiéis a D. Maria II. Nem todos estão de acordo quanto à sua origem e ao seu significado, sendo para alguns uma corruptela da designação pejorativa «patas ao léu», inspirada na forma *va-nus-pieds* que, em França, em 1639, fora dada aos revoltosos da Normandia.

3 Legitimista era o partidário da «legítima» continuação de D. Miguel* no trono. Os legitimistas defendiam o absolutismo régio, a organização do Estado baseada nas três ordens (nobreza, burguesia e povo) e um catolicismo ortodoxo.

rompidos. A prática da vida tem por única direcção a conveniência. Não há princípio que não seja desmentido. Não há instituição que não seja escarnekida. Ninguém se respeita. Não há nenhuma solidariedade entre os cidadãos. Ninguém crê na honestidade dos homens públicos. Alguns agiotas felizes exploram. A classe média abate-se progressivamente na imbecilidade e na inércia. O povo está na miséria. Os serviços públicos são abandonados a uma rotina dormente. O desprezo pelas ideias aumenta em cada dia. Vivemos todos ao acaso. Perfeita, absoluta indiferença de cima a baixo! Toda a vida espiritual, intelectual, parada. O tédio invadiu todas as almas. A mocidade arrasta-se envelhecida das mesas das secretarias para as mesas dos cafés. A ruína económica cresce, cresce, cresce. As quebras* sucedem-se. O pequeno comércio definha. A indústria enfraquece. A sorte dos operários é lamentável. O salário diminui. A renda também diminui. O Estado é considerado na sua acção fiscal como um ladrão e tratado como um inimigo.

Neste *salve-se quem puder* a burguesia proprietária de casas explora o aluguer. A agiotagem explora o juro. A ignorância pesa sobre o povo como uma fatalidade. O número das escolas só por si é dramático. O professor é um empregado de eleições. A população dos campos, vivendo em casebres ignóbeis, sustentando-se de sardinha e de vinho, trabalhando para o imposto por meio de uma agricultura decadente, puxa uma vida miserável, sacudida pela penhora; ignorante, entorpecida, de toda a vitalidade humana conserva unicamente um egoísmo feroz e uma devoção automática. No entanto a intriga política alastra-se. O país vive numa sonolência enfasiada. Apenas a devoção insciente perturba o silêncio da opinião com *padre-nossos* maquinais.

Não é uma existência, é uma expiação.

A certeza deste rebaixamento invadiu todas as consciências. Diz-se por toda a parte: o país está perdido! Ninguém se ilude. Diz-se nos conselhos de ministros e nas estalagens. E que se faz? Atesta-se, conversando e jogando o voltarete*, que de norte a sul, no Estado, na economia, na moral, o país está desorganizado — e pede-se conhaque!

Assim todas as consciências certificam a podridão; mas todos os temperamentos se dão bem na podridão!

Nós não quisemos ser cúmplices na indiferença universal. E aqui começamos, serenamente, sem injustiça e sem cólera, a apontar dia por dia o que poderíamos chamar — o progresso da decadência. Devíamos fazê-lo com a indignação dramática de panfletários? Com a serenidade experimental de críticos? Com a jovialidade fina de humoristas?

Não é verdade, leitor de bom senso, que humoristicamente o deveríamos fazer? Porque, bem vês, esta decadência está endurecida: a dissolução tornou-se um hábito, quase um bem-estar, para muitos uma indústria. Parlamentos, ministros, eclesiásticos, políticos, exploradores, estão de pedra e cal na corrupção. O áspero Veillot⁴ não bastaria; Proudhon[♦] ou Vacherot[♦], seriam insuficientes.

Contra esta organização oficial é necessário ressuscitar as gargalhadas históricas de Manuel Mendes Enxúndia⁵.

Que uma vez se ponha a galhofa ao serviço da justiça!

Achas imprudente? Achas inútil? Achas irrespeitoso? Preferias que fizéssemos um jornal político, inteiro, com todas as suas inépcias, todas as suas calúnias, vasto logradouro de ideias triviais, que desmaiassem de fadiga entre as mãos dos tipógrafos?

Não. Fundaríamos antes um depósito de bichas de sangrar ou uma casa de banhos quentes. E se nos tiranizasse excessivamente o astuto demónio da prosa, então, em honrada companhia do sr. Fernandez de los Rios[♦], ajuizados aos líricos de Barcelona, cantaríamos, voltados para os lados da Palestina, *a pátria*, *a fé* e o *amor*! E patentearíamos aquela crença vívida, aquele entusiasmo altivo, aquele *arranque* peninsular, com que outrora se pelejou a batalha de Aljubarrota e hoje se fazem caixinhas de obreias*!

Aqui estamos pois diante de ti, mundo oficial, constitucional, burguês, proprietário, doutrinário e grave!

Não sabemos se a mão que vamos abrir está ou não cheia de verdades. Sabemos que está cheia de negativas.

Não sabemos, talvez, onde se deva ir; sabemos decerto, onde se não deve estar.

4 Provavelmente, Louis Veillot[♦].

5 V. João da Soledade Moraes[♦].

Catão⁶, com Pompeu e com César♦ à vista, sabia de quem havia de fugir, mas não sabia para onde. Temos esta meia ciência de Catão.

Donde vimos? Para onde vamos? — Podemos apenas responder: Vimos donde vós estais, vamos para onde vós não estiverdes.

Nesta jornada, longa ou curta, vamos sós. Não levamos bandeira, nem clarim. Pelo caminho não leremos a *Nação*⁷, nem o *Almanaque das Cacholetas*⁸. Vamos conversando um pouco, rindo muito.

Somos dois simples sapadores às ordens do senso comum. Por ora no alto da colina aparecemos só nós. O grosso do exército vem atrás. Chama-se justiça.

Assim vamos. E na epiderme de cada facto contemporâneo cravaremos uma farpa: apenas a porção de ferro estritamente indispensável para deixar pendente um sinal. As nossas bandarilhas não têm cor, nem o branco da oriflama, nem o azul da blusa*. Nunca poderão estas farpas ligeiras ferir a grande artéria social: ficarão à epiderme. Dentro continuará a correr serenamente a matéria vital — sangue azul ou sangue vermelho, dissolução de guano ou extracto de salsaparrilha*.

Vamos rir pois. O riso é um castigo; o riso é uma filosofia. Muitas vezes o riso é uma salvação. Na política constitucional o riso é uma opinião.

Aqui está esta pobre carta constitucional que declara com ingenuidade que o país é católico e monárquico. É por isso talvez que ninguém

6 Catão, Pompeu e César, três figuras da história romana. Neste passo, a citação de Catão só se poderia referir a Catão, *o Jovem* (93-46 a. C.), contemporâneo desses dois generais, mas cuja posição histórica não se insere no contexto aqui desenhado. Pensamos que seja um engano de nomes, querendo o autor referir-se a Cícero♦ (106-43 a. C.), um dos maiores representantes da literatura latina, esse sim partidário primeiro de Pompeu (106-48 a. C.) e depois de César (102-44 a. C.). Após o assassinato deste último, Cícero foi, por sua vez, assassinado pelos soldados de Marco António (82-30 a. C.) quando intentava a fuga.

7 *A Nação*, jornal fundado em 1847 e publicado até 1928. As suas posições conservadoras foram muito contestadas pelos jornais e escritores liberais, tendo sido com este periódico que Alexandre Herculano♦ sustentou uma violenta polémica a propósito da desmistificação da Batalha de Ourique (1850), escrevendo sobre o assunto o opúsculo *Eu e o Clero*.

8 Tratava-se de uma publicação humorística, saída anualmente desde 1863 e, no dizer de Inocência da Silva, até 1866.